



ESCORES DO INTERNET ADDICTION TEST E PADRÕES DE USO DIGITAL EM ESTUDANTES DE ENSINO TÉCNICO E SUPERIOR

Internet Addiction Test Scores and Digital Use Patterns Among Technical and Higher Education Students

Resultados de la prueba de adicción a Internet y patrones de uso digital entre estudiantes de educación técnica y superior

Ricardo Bitencourt¹

Giovanna Doreslany Sousa de Almeida²

Felipe Silva Louzeiro³

Luis Nicolas De Amorim Trigo⁴

Resumo: O artigo investiga o uso problemático da internet e os padrões de uso digital entre estudantes do ensino técnico e superior, articulando escores do *Internet Addiction Test* (IAT) à frequência de uso de plataformas digitais. Realizou-se *survey* descritivo, com amostra não probabilística por conveniência de 93 discentes e coleta presencial por formulário eletrônico. Predominou o uso normal (69,9%), seguido de dependência leve (26,9%) e moderada (3,2%). O *TikTok* apresentou maior intensidade de uso nas faixas de maior escore do IAT. O estudo contribui ao indicar que a interpretação do instrumento deve considerar plataformas utilizadas e condições estruturais de acesso digital.

Palavras-chave: Internet Addiction Test. Uso problemático da internet. Plataformas digitais.

Abstract: This article investigates problematic internet use and digital use patterns among technical and higher education students by relating Internet Addiction Test (IAT) scores to the frequency of use of digital platforms. A descriptive survey was conducted with a non-

¹ Doutor em Ecologia Humana. Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: ricardo.bitencourt@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1889161019271419>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3438-6912>.

² Graduanda em Computação. Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: giovannaalmeida38647@gmail.com; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1902094540385723>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0002-4021-4671>.

³ Graduando em Computação. Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: felipe.louzeiro@aluno.ifsertao-pe.edu.br; Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4576031010952443>; Orcid iD: <https://orcid.org/0009-0002-5786-8428>.

⁴ Doutorando em Ecologia Humana (UNEB/PPGEcoH). Professor do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, Petrolina, Pernambuco, Brasil. E-mail: nicolas.trigo@ifsertao-pe.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8406599969914566>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-0886-3340>.

probability convenience sample of 93 students, with data collected in person through an electronic form. Normal use predominated (69.9%), followed by mild (26.9%) and moderate dependence (3.2%). TikTok showed higher usage intensity in the higher IAT score ranges. The study contributes by indicating that interpretation of the instrument should consider the platforms used and structural conditions of digital access.

Keywords: Internet Addiction Test. Problematic internet use. Digital platforms.

Resumen: El artículo investiga el uso problemático de Internet y los patrones de uso digital entre estudiantes de educación técnica y superior, relacionando las puntuaciones del Internet Addiction Test (IAT) con la frecuencia de uso de plataformas digitales. Se realizó una encuesta descriptiva con una muestra no probabilística por conveniencia de 93 estudiantes y recolección presencial mediante formulario electrónico. Predominó el uso normal (69,9%), seguido de dependencia leve (26,9%) y moderada (3,2%). TikTok presentó mayor intensidad de uso en los rangos con puntuaciones IAT más altas. El estudio indica que la interpretación del instrumento debe considerar las plataformas utilizadas y las condiciones estructurales de acceso digital.

Palabras clave: Internet Addiction Test. Uso problemático de Internet. Plataformas digitales.

Introdução

A adoção intensiva de tecnologias digitais em contextos educacionais reconfigurou padrões de engajamento entre estudantes, onde uma realidade ubíqua acessada por dispositivos móveis e plataformas digitais no cotidiano discente, graças às suas (Bitencourt, 2025; Williamson, 2021). Esse contexto pode ser uma oportunidade para o desenvolvimento, mas também suscita preocupações quanto a possíveis efeitos na saúde mental e no desempenho acadêmico dos estudantes (Han, 2015).

A datificação converte sistematicamente experiências humanas em formatos quantificáveis e processáveis computacionalmente (Mejías; Couldry, 2019), e esse processo ganha novas dimensões estruturais no cenário das transformações tecnológicas contemporâneas (Dumas; Meza, 2026), redefinindo questões centrais (como aprendizagem, engajamento e risco) frequentemente por meio de métricas padronizadas que subestimam trajetórias individuais e determinantes socioeconômicos (Mejías; Couldry, 2019).

Nesse cenário, instrumentos de rastreamento do comportamento digital, como o *Internet Addiction Test* (IAT), desenvolvido por Young (1998b), podem ser importantes na identificação de padrões de uso problemático e subsidiar intervenções. O IAT é uma escala padronizada composta de 20 itens que avaliam dimensões como perda de controle, prejuízos funcionais, sintomas de abstinência e impacto nas relações interpessoais, gerando escores que variam de 0 a 100 pontos. Instrumentos como o IAT vão além da descrição, possibilitando que as práticas

digitais tenham visibilidade auditável, comparável e passível de intervenção técnica (Beer, 2019; Widyanto; McMurren, 2004). Essa dualidade, potencial diagnóstico versus risco de patologização de comportamentos funcionais, é um dos pontos centrais do debate contemporâneo sobre tecnologia e educação.

Alguns trabalhos demonstram que o IAT apresenta consistência interna adequada em diferentes contextos culturais (Pontes *et al.*, 2014; Wei *et al.*, 2025). No Brasil, a validação conduzida por Conti *et al.* (2012) confirmou a adequação psicométrica do instrumento para a população jovem brasileira. Andrade *et al.* (2021), em amostra nacional de 2.214 estudantes, identificaram que 12,5% se enquadravam na faixa de risco ou alto risco segundo o IAT, associados a depressão, ansiedade e estresse. Outros estudos brasileiros com populações estudantis também empregaram o IAT, embora com delineamentos e critérios de classificação que não autorizam comparação direta entre percentuais.

Embora estudos indiquem propriedades psicométricas satisfatórias (Widyanto; McMurren, 2004), há limitações quanto à validade de construto e à inexistência de pontos de corte clinicamente validados em populações educacionais (Andreassen *et al.*, 2016; Pontes, 2014). Billieux *et al.* (2015) e Kardefelt-Winther (2014) destacam que o instrumento frequentemente não distingue o uso intensivo, motivado por demandas acadêmicas ou socioculturais, do uso efetivamente problemático, caracterizado por prejuízos funcionais documentados. É importante ressaltar que os manuais classificatórios internacionais refletem cautela com a definição de dependência tecnológica (Marques; Abreu, 2018). A exemplo, a Organização Mundial da Saúde incluiu o Transtorno por Uso de Jogos Eletrônicos na CID-11 (2019), mas não reconheceu o vício em internet como entidade diagnóstica autônoma. Tais controvérsias fundamentam a necessidade de prudência na aplicação do IAT em populações escolares heterogêneas, para que o uso por necessidade não seja confundido como uso patológico.

O escore obtido não apenas descreve um comportamento, mas classifica, hierarquiza e orienta condutas, frequentemente sem acompanhamento especializado ou reflexividade crítica sobre as arquiteturas digitais que estruturam o engajamento *online*. Spitzer (2013) alerta para os riscos da superestimulação tecnológica sobre a atenção e a memória, reforçando que esses impactos exigem investigação empírica e contextualizada, consideração corroborada por Twenge e Campbell (2019), Przybylski e Weinstein (2017) e Galanis *et al.* (2025). Nesse

contexto, compreender quais plataformas específicas se associam mais intensamente com indicadores de uso problemático torna-se imperativo para intervenções educacionais eficazes.

A ascensão de plataformas baseadas em algoritmos de recomendação, particularmente o *TikTok*, com sua *For You Page* de rolagem infinita, reposiciona o debate sobre uso problemático de internet. Diferentemente de plataformas convencionais como *Instagram* (que mantém *feeds* baseados em relacionamento) ou *YouTube* (baseado em pesquisa), o *TikTok* emprega mecanismos de engajamento que exploram a distorção da percepção do tempo (Qin; Musetti; Omar, 2023). Esse recurso, que faz o usuário perder a noção de quanto tempo decorreu, é um indicador central de uso problemático, associado a ansiedade e depressão em jovens adultos (Galanis et al., 2025). A economia da atenção (Zuboff, 2019) consolida-se particularmente nessas plataformas, onde a captura de tempo de tela é a métrica primária de valor.

Observando este contexto, é importante que pesquisas articulem empiricamente os escores do IAT com perfis descritivos de uso digital em populações educacionais brasileiras. É preciso sempre questionar se os escores obtidos no IAT refletem os padrões reais de uso digital entre estudantes e se estudantes com diferentes perfis de engajamento em plataformas específicas apresentam escores distintos.

Neste sentido, este trabalho buscou descrever a relação entre os escores do *Internet Addiction Test* e os padrões de uso digital de estudantes do ensino técnico e superior, com o objetivo de analisar essa, identificando quais tipos e frequências de engajamento digital acompanham classificações distintas do IAT.

Materiais e Métodos

O estudo constitui-se um levantamento (*survey*), modalidade adequada para descrever e analisar características de populações específicas (Gil, 2026; Creswell; Creswell, 2018). A amostra, não probabilística por conveniência, é composta por 93 discentes matriculados em cursos técnicos e de graduação de um campus do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, localizado em Petrolina, PE. A coleta de dados ocorreu entre dezembro de 2024 e agosto de 2025, de forma presencial em sala de aula, com o auxílio de formulário eletrônico como instrumento de registro das respostas. A pesquisa possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa sob número CAAE 75528323.9.0000.8052 e observou as diretrizes éticas aplicáveis ao estudo com seres humanos (Brasil, 2012).

Dos 93 participantes, 45 são mulheres (48,4%) e 48 homens (51,6%), abrangendo cursos técnicos de nível médio (n = 45; 48,4%) e cursos superiores (licenciatura n = 32, bacharelado n = 8 e tecnólogo n = 8), totalizando 48 estudantes do ensino superior (51,6%). O formulário incluiu, além do IAT, um questionário sociodemográfico e de hábitos digitais, o qual contemplou o perfil dos participantes, a posse de dispositivos eletrônicos e a frequência de utilização de 13 plataformas digitais, aferida por escala de seis pontos (0 = não utilizo; 1 = raramente; 2 = ocasionalmente; 3 = frequentemente; 4 = muitas vezes; 5 = sempre).

O IAT foi aplicado com escala de cinco pontos, incluindo a opção “não se aplica” (codificada como 0). A escala por item variou de 0 a 5, gerando escore total de 0 a 100 pontos. A atribuição de zero a “não se aplica” mantém a amplitude teórica do escore total, pois cada item continua podendo variar de 0 a 5; contudo, respostas nessa categoria reduzem o escore observado quando o comportamento descrito pelo item não integra a experiência do participante. Por essa razão, essa codificação é considerada na interpretação dos resultados e retomada como limitação na Discussão. Os pontos de corte seguiram a classificação original de Young (1998a), operacionalizados como “Uso normal” (0-30), “Dependência leve” (31-49), “Dependência moderada” (50-79) e “Dependência severa” (80-100).

Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas e analisados em nível descritivo com auxílio do *software* Microsoft Excel. Foram calculadas média, mediana e desvio-padrão, além dos valores mínimo e máximo e da distribuição dos escores do IAT por categoria de classificação. Para explorar a relação entre intensidade de uso de plataformas e escores do IAT, compararam-se descritivamente as médias de uso por plataforma entre os grupos de classificação (uso normal, dependência leve e dependência moderada). A estratégia analítica foi mantida no plano descritivo, coerentemente com o objetivo de caracterizar os padrões observados na amostra. Não foram realizados testes de hipótese; por essa razão, as comparações entre grupos são apresentadas como diferenças ou proximidades nos valores observados, sem atribuição de significância estatística e sem generalização para além da amostra investigada.

Resultados

A amostra (n = 93) apresenta diversidade de cursos, conforme detalhado na Tabela 1, reflete a amplitude do público-alvo investigado, abrangendo diferentes áreas do conhecimento técnico e superior.

Tabela 1 – Distribuição da amostra por curso (N = 93)

Curso	Nível	N	%
Tec. Eletrotécnica	Técnico	10	10,8
Tec. Edificações	Técnico	10	10,8
Tec. Química	Técnico	10	10,8
Tec. Informática	Técnico	10	10,8
Tec. Energias Renováveis	Técnico	5	5,4
Engenharia Civil	Bacharelado	8	8,6
Computação	Licenciatura	8	8,6
Física	Licenciatura	8	8,6
Química	Licenciatura	8	8,6
Música	Licenciatura	8	8,6
Alimentos	Tecnólogo	8	8,6
Total		93	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Em relação ao gênero, a amostra é composta por 48 homens (51,6%) e 45 mulheres (48,4%), com distribuição equilibrada. Quanto ao nível de ensino, 45 estudantes cursam o ensino técnico (48,4%) e 48 estão matriculados no ensino superior (51,6%), distribuídos entre licenciatura (n = 32), bacharelado (n = 8) e tecnólogo (n = 8).

A posse de equipamentos digitais entre os participantes varia amplamente, conforme a Tabela 2. O telefone celular é o dispositivo mais prevalente, presente em 97,8% dos casos. Computadores de mesa (22,6%) e tablets (5,4%) têm penetração consideravelmente menor.

Tabela 2 – Posse de equipamentos tecnológicos (N = 93)

Equipamento	N	%
Telefone Celular	91	97,8
Notebook	48	51,6
Smart TV	33	35,5
Computador de Mesa (PC)	21	22,6
Aparelho de videogame	9	9,7
Relógio inteligente	8	8,6
Tablet	5	5,4
Kindle	1	1,1
Nenhum	1	1,1

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A Tabela 3 apresenta a distribuição dos escores por categoria de classificação, conforme os pontos de corte definidos.

Tabela 3 – Distribuição dos níveis de uso/dependência segundo o IAT (N = 93)

Classificação	Faixa de Escore	N	%
Uso normal	0-30	65	69,9
Dependência leve	31-49	25	26,9
Dependência moderada	50-79	3	3,2
Dependência severa	80–100	0	0
Total		93	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O escore médio da amostra foi de 25,67 (DP = 10,27; Mediana = 24,0), com mínimo de 0 e máximo de 55. A maioria dos participantes (n = 65; 69,9%) situou-se na faixa de uso normal, seguida por aqueles classificados em dependência leve (n = 25; 26,9%). Apenas três participantes (3,2%) atingiram escores compatíveis com dependência moderada e nenhum caso foi identificado na faixa de dependência severa. A mediana (24,0) inferior à média, indica leve assimetria positiva na distribuição dos escores, com cauda direita puxada por valores extremos.

A análise da intensidade de uso de plataformas digitais revela um ecossistema predominantemente dominado por aplicativos de mensagens e vídeo, conforme ilustrado na Tabela 4.

WhatsApp (M = 4,20), *Instagram* (M = 3,65) e *YouTube* (M = 3,34) concentram as maiores médias de uso. Esse padrão reflete a migração geracional para vídeo e comunicação instantânea, e desafia a relevância de itens do IAT que remetem a comportamentos e tecnologias menos presentes no cotidiano atual dos estudantes.

Descritivamente, as médias dos escores do IAT foram próximas entre mulheres (M = 26,29) e homens (M = 25,08), com diferença de 1,21 ponto entre os valores observados. Como não foram realizados testes inferenciais, esse resultado não permite afirmar presença ou ausência de diferença estatisticamente significativa entre os grupos. A comparação limita-se, portanto, à descrição dos escores observados nesta amostra.

Tabela 4 – Intensidade média de uso por plataforma (escala 0-5; N = 93)

Plataforma	Média	Desvio-Padrão
WhatsApp	4,20	1,23
Instagram	3,65	1,46
YouTube	3,34	1,43
E-mail	2,80	1,60
TikTok	2,18	2,11
Discord	1,16	1,64
Telegram	0,80	1,15
CapCut	0,78	1,16
Twitter/X	0,75	1,52
Facebook	0,60	1,01
Facebook Messenger	0,22	0,75
SnapChat	0,12	0,46
Kaway	0,06	0,38

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A comparação entre estudantes do ensino técnico ($M = 24,44$) e do ensino superior ($M = 26,81$) revelou médias próximas. Como a análise é exclusivamente descritiva, esse resultado não autoriza concluir equivalência estatística entre os grupos, mas indica que, nesta amostra, a classificação por nível de ensino não produziu contraste expressivo nos escores médios. A interpretação demanda que se levem em conta elementos que perpassam o uso digital para além da educação formal. Kardefelt-Winther (2014) argumenta que motivações e condições psicossociais precisam ser incorporadas à análise do uso problemático, enquanto Van Dijk (2020) situa o acesso a dispositivos, conectividade e competências digitais como dimensões estruturais da desigualdade digital. Assim, fatores individuais, culturais e estruturais constituem hipóteses explicativas teoricamente plausíveis para a variação dos escores, mas o delineamento deste estudo não permite estimar o peso relativo de cada um deles.

A Tabela 5 apresenta a distribuição de respostas para cinco itens representativos do IAT, fornecendo uma visão detalhada dos comportamentos e percepções dos estudantes.

Tabela 5 – Distribuição de respostas para itens selecionados do IAT (N = 93)

Item do IAT	N/A (%)	Raramente (%)	Ocasionalmente (%)	Frequentemente (%)	Muitas Vezes (%)	Sempre (%)
Q1: Acessa e-mail antes de outras tarefas	2,2	8,6	28,0	33,3	16,1	11,8
Q3: Prefere internet à intimidade com parceiro(a)	60,2	29,0	7,5	1,1	1,1	1,1
Q12: Teme vida sem internet	36,6	30,1	16,1	8,6	6,5	2,2
Q16: “Só mais alguns minutos”	15,1	17,2	28,0	12,9	17,2	9,7
Q20: Sente-se deprimido quando desconectado	47,3	31,2	16,1	2,2	3,2	0,0

Fonte: Dados da pesquisa (2025). N/A = Não se aplica.

Os dados evidenciam padrões diferenciados de engajamento problemático. A procrastinação digital (Q16: “só mais alguns minutos”) concentra 55,0% da amostra em respostas ocasionalmente ou mais frequentes (28,0% ocasionalmente; 17,2% muitas vezes; 9,7% sempre), indicando maior frequência de respostas relacionadas à extensão do tempo *online* nesse item. De forma similar, 61,2% dos participantes reportam acessar e-mail antes de outras tarefas prioritárias (Q1), indicando priorização estrutural da comunicação digital mesmo em contextos acadêmicos. Por outro lado, comportamentos indicativos de prejuízos interpessoais graves (Q3: preferir internet à intimidade com parceiro/a; Q20: sentir-se deprimido quando desconectado) apresentam frequência descritivamente menor, com concentração elevada em “não se aplica” (60,2% e 47,3%, respectivamente).

Discussão

A heterogeneidade no acesso a dispositivos evidencia condições materiais distintas de acesso digital que devem ser consideradas na interpretação dos escores do IAT. O telefone celular é acessível a 97,8% dos participantes, enquanto notebooks (51,6%), computadores de mesa (22,6%) e tablets (5,4%) apresentam frequência menor. Trabalhos mostram que diferenças de acesso, qualidade de conexão e disponibilidade de dispositivos condicionam as formas de participação no ambiente digital (Van Dijk, 2020). Neste estudo, contudo, não foram realizados testes que permitam estimar o efeito independente da posse de dispositivos sobre o escore do IAT. Por isso, os dados sustentam a necessidade de considerar essa dimensão

contextual, mas não permitem afirmar que o acesso restrito a um único aparelho leve, por si só, os escores.

A concentração de 69,9% da amostra ($n = 65$) na faixa de uso normal e a ausência de casos na faixa severa indicam que, nesta amostra específica, os padrões de uso digital não se alinham com os critérios de maior gravidade do IAT. O percentual de 3,2% na faixa moderada ($n = 3$) é inferior ao resultado do estudo nacional de Andrade *et al.* (2021), que identificou 12,5% na faixa de risco ou alto risco segundo o IAT, sugerindo três possibilidades complementares: (1) diferenças contextuais entre populações (Petrolina, Pernambuco vs. amostras nacionais); (2) heterogeneidade metodológica (amostra técnica + superior vs. apenas superior no estudo utilizado para comparação); (3) mudanças temporais no padrão de uso digital entre 2021 e 2025. Conforme apontado por Billieux *et al.* (2015) e Kardefelt-Winther (2014), o IAT frequentemente categoriza como problemáticos comportamentos que podem ser adaptativos a um ambiente crescentemente digitalizado. Portanto, a classificação em “dependência leve” de 26,9% da amostra pode refletir tanto uso intensivo apropriado, quanto genuína dificuldade de autorregulação.

A inclusão da opção “não se aplica” na escala de resposta, e sua codificação como zero, refletem uma realidade presente nesta amostra: 60,2% dos respondentes não se identificaram com o item Q3 (“prefere internet à intimidade com parceiro/a”), e 47,3% responderam “não se aplica” ao Q20 (“sente-se deprimido quando desconectado”). Isso sugere que parte dos itens do IAT avalia situações que simplesmente não fazem parte do cotidiano de todos os respondentes, o que pode distorcer a interpretação dos escores totais ao se aplicarem mecanicamente os pontos de corte originais de Young (1998a).

A associação entre o uso do *TikTok* e escores mais elevados do IAT é o achado descritivo mais relevante deste estudo. Estudantes classificados nas faixas de dependência leve e moderada apresentaram médias de uso do *TikTok* consideravelmente superiores às dos classificados em uso normal. Esse contraste não se observou em plataformas de uso igualmente frequente, como *WhatsApp* ($M = 4,20$) e *Instagram* ($M = 3,65$), cujas médias de uso permaneceram estáveis entre as faixas de classificação. Essa diferenciação sugere que o engajamento no *TikTok* acompanha de forma mais consistente os indicadores de uso problemático medidos pelo IAT.

O *TikTok* distingue-se das demais plataformas por mecanismos algorítmicos que maximizam o tempo de exposição através de rolagem infinita e recomendações personalizadas.

Diferentemente do *Instagram* (que oferece *feed* baseado em relacionamentos e permite pausa natural entre *posts* de amigos) ou *WhatsApp* (comunicação síncrona e direcionada), o *TikTok* produz uma sequência contínua de vídeos otimizados para o usuário. Ele ativa circuitos de recompensa que dificultam a autorregulação voluntária (Galanis *et al.*, 2025). A meta-análise de Galanis *et al.* (2025) indica que o uso problemático do *TikTok* está associado a ansiedade e depressão em jovens adultos, com mecanismo centrado na distorção da percepção do tempo (Qin; Musetti; Omar, 2023). Esse fenômeno – perder a noção de quanto tempo decorreu – é um indicador central de uso problemático em plataformas de vídeo curto, pois o usuário abdica do controle voluntário da duração da sessão.

Uma explicação alternativa (e provavelmente complementar) é que estudantes com uso mais intensivo da internet em geral tendem a adotar mais plataformas e utilizá-las com frequência elevada, criando covariação entre escore IAT e qualquer plataforma de alta penetração. Contudo, o fato de *WhatsApp* e *Instagram* não apresentarem variação expressiva nas médias de uso entre as faixas de classificação do IAT, apesar de penetração similar à do *TikTok*, sugere que a associação observada é plataforma-específica, não meramente um artefato de intensidade geral. A direção da associação entre essas variáveis não pode ser estabelecida com o delineamento transversal adotado. Isso aponta para a necessidade de estudos longitudinais que acompanhem a progressão do uso do *TikTok* e as eventuais mudanças nos escores do IAT ao longo de semestres.

Descritivamente, os escores médios do IAT foram de 25,08 entre homens e 26,29 entre mulheres. Parte da literatura internacional relata diferenças entre grupos de gênero em determinados contextos, especialmente quando o uso problemático está associado a jogos *online* (Andreassen *et al.*, 2016). No presente estudo, contudo, a comparação entre os grupos foi exclusivamente descritiva. O perfil de uso observado concentrou-se em plataformas de comunicação e vídeo, como *WhatsApp*, *Instagram* e *YouTube*. Villanueva-Blasco *et al.* (2025), em estudo com estudantes de Brasil, Portugal e Espanha, também discutem diferenças de uso em função dos padrões de engajamento digital. Esses referenciais oferecem contexto para interpretar os valores encontrados, mas os dados desta pesquisa não permitem testar se gênero, tipo de plataforma ou conteúdo explicam as variações nos escores do IAT.

A proximidade descritiva entre os escores médios de estudantes do ensino técnico ($M = 24,44$) e superior ($M = 26,81$) reforça a cautela em atribuir ao nível de ensino um papel explicativo isolado. A literatura mobilizada neste artigo oferece fundamento para considerar

outras dimensões. Kardefelt-Winther (2014) propõe que o uso intensivo da internet seja interpretado em relação às motivações e às condições psicossociais do usuário, evitando modelos que tratem o tempo de conexão como explicação suficiente. Van Dijk (2020), ao discutir desigualdade digital, mostra que acesso material, conectividade e competências condicionam as possibilidades de uso. No plano cultural, práticas acadêmicas e comunicacionais também definem quais atividades digitais são esperadas e socialmente funcionais em determinado contexto. Esses elementos ajudam a formular a hipótese de que fatores individuais, culturais e estruturais podem ser mais informativos do que a simples divisão entre ensino técnico e superior. Os dados desta pesquisa, entretanto, não mediram separadamente essas dimensões nem utilizaram análise multivariada, impossibilitando concluir qual delas possui maior peso explicativo.

Por fim, o IAT deve ser acompanhado de protocolos de acompanhamento psicossocial qualificado para os casos na faixa de dependência moderada (3,2% da amostra), evitando tanto a negligência quanto a patologização excessiva. Sandi Junior e Valer (2024) e Reis e Negrão (2022) ressaltam que a colaboração entre docentes e profissionais de saúde mental é condição necessária para que os dados de triagem resultem em intervenções eficazes e eticamente orientadas.

Há ainda uma limitação interpretativa relevante nas comparações entre gênero, nível de ensino e faixas do IAT. As médias apresentadas descrevem esta amostra, mas não foram acompanhadas de testes de hipótese ou modelos capazes de controlar simultaneamente características sociodemográficas, condições de acesso e padrões de uso das diferentes plataformas. Por isso, expressões como “maior”, “menor” ou “próximo”, quando empregadas nos Resultados e na Discussão, devem ser lidas em sentido estritamente descritivo. Essa delimitação é importante porque a literatura citada no próprio artigo mostra que o uso problemático da internet é um construto sensível ao contexto e às motivações de uso (Kardefelt-Winther, 2014). Ao mesmo tempo, desigualdades de acesso podem produzir experiências digitais distintas (Van Dijk, 2020). A análise realizada não permite separar empiricamente essas dimensões. Assim, a contribuição do estudo consiste em caracterizar os padrões observados e indicar relações que merecem investigação posterior, e não em estabelecer fatores determinantes do escore do IAT.

Os resultados relativos ao *TikTok* também sustentam uma implicação educacional que precisa ser formulada na Discussão antes de aparecer nas considerações finais: o letramento

digital crítico. Neste artigo, essa expressão não é empregada como sinônimo de domínio instrumental de aplicativos, mas como capacidade de compreender que plataformas digitais organizam a experiência do usuário por meio de escolhas de *design*, métricas e mecanismos de recomendação. A discussão sobre datificação apresentada por Mejías e Couldry (2019) permite situar esse problema para além do comportamento individual, pois práticas cotidianas são convertidas em dados e métricas. No caso de plataformas de vídeo curto, a literatura citada no artigo descreve mecanismos de fluxo e distorção da percepção do tempo associados ao uso problemático (Qin; Musetti; Omar, 2023).

Nesse sentido, uma intervenção educacional coerente com os achados não deveria limitar-se a recomendar redução genérica do tempo de tela. O foco pode recair sobre a compreensão dos mecanismos que favorecem permanência prolongada, como rolagem contínua, personalização algorítmica e ausência de pontos naturais de interrupção. Essa abordagem também evita transformar automaticamente frequência elevada de uso em indicador de dependência. A contribuição do letramento digital crítico, portanto, está em fornecer elementos para que estudantes interpretem as condições técnicas e econômicas que organizam o próprio engajamento, articulando autorregulação a uma leitura contextual das plataformas. Essa implicação decorre dos achados descritivos e da literatura mobilizada; não constitui evidência de eficácia de uma intervenção, aspecto que não foi testado neste estudo.

Considerações finais

Este artigo analisou a relação entre escores do *Internet Addiction Test* e padrões de uso digital entre estudantes brasileiros do ensino técnico e superior. Três achados descritivos se destacam: 3,2% da amostra situou-se na faixa de dependência moderada e 26,9% na faixa leve, proporções inferiores às observadas no estudo nacional de Andrade *et al.* (2021), considerando-se que os critérios de classificação não são idênticos; o *TikTok* apresentou médias de uso mais elevadas nas faixas de maior classificação do IAT, resultado que, articulado à discussão, sustenta a pertinência de ações de letramento digital crítico sobre mecanismos de engajamento; e as diferenças materiais de acesso a dispositivos devem ser consideradas na interpretação dos escores. O delineamento adotado não permite atribuir causalidade a essas relações nem estimar o efeito independente de cada fator.

Os resultados recomendam cautela na aplicação mecânica do IAT em populações educacionais. A codificação de “não se aplica” como zero, a diversidade material de acesso a

dispositivos e a ambiguidade entre uso intensivo funcional e uso efetivamente problemático exigem interpretação contextualizada. Como a pesquisa empregou amostra não probabilística por conveniência e análise descritiva, não é possível generalizar as proporções observadas nem estabelecer associações causais entre plataformas, condições de acesso e escores do IAT.

No plano das contribuições ao campo, os resultados apontam três implicações compatíveis com o alcance do estudo: ações de letramento digital podem abordar criticamente mecanismos de recomendação, rolagem contínua e distorção temporal em plataformas como o *TikTok*; condições de acesso e disponibilidade de dispositivos devem ser consideradas antes de interpretar escores elevados como expressão isolada de dependência; e intervenções institucionais não devem ser definidas apenas por gênero ou nível de ensino com base nestes dados, uma vez que as comparações realizadas foram descritivas.

Como agenda futura, sugerem-se estudos longitudinais que acompanhem grupos de estudantes ingressantes ao longo do tempo para verificar se mudanças na intensidade de uso de plataformas, incluindo o *TikTok*, acompanham alterações nos escores do IAT. Além disso, há investigações que mensurem separadamente acesso a dispositivos, conectividade, competências digitais e condições psicossociais. Por fim, estudos qualitativos sobre como estudantes e docentes interpretam o impacto pedagógico das plataformas digitais. Esses desenhos poderão examinar relações que o levantamento transversal e descritivo aqui empregado não permite estabelecer.

Referências

- ANDRADE, A. L. M. *et al.* Internet addiction among Brazilian students: prevalence and association with emotional problems. **Universitas Psychologica**, v. 20, p. 1-15, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/647/64768658029/html/> Acesso em: 10 out. 2025.
- ANDREASSEN, C. S. *et al.* The relationship between addictive use of social media and video games and symptoms of psychiatric disorders: a large-scale cross-sectional study. **Psychology of Addictive Behaviors**, v. 30, n. 2, p. 252–262, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26999354/> Acesso em: 09 ago. 2025.
- ÁVILA, G. B. de *et al.* Internet addiction in students from an educational institution in Southern Brazil: prevalence and associated factors. **Trends in Psychiatry and Psychotherapy**, v. 42, n. 4, p. 302–310, 2020. DOI: 10.1590/2237-6089-2019-0098. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26014667/> Acesso em: 10 out. 2025.
- BEER, D. **The data gaze: capitalism, power and perception**. London: Sage, 2019.

- BILLIEUX, J. *et al.* Are we overpathologizing everyday life? A ten-step framework for diagnosing internet addiction. **Current Addiction Reports**, v. 2, n. 2, p. 154–162, 2015.
- BITENCOURT, R. **Ecologia algorítmica**. Paulo Afonso: SABEH, 2025.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2013.
- BRITO, A. B. *et al.* Prevalência de adicção em internet e fatores associados em estudantes. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 40, e200242, 2023. DOI: 10.1590/1982-0275202340e200242.
- CONTI, M. A. *et al.* Adaptação transcultural: tradução e validação de conteúdo da versão brasileira do Internet Addiction Test. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 7, p. 1327–1337, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00176513> Acesso em: 9 ago. 2025.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 5. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.
- DUMAS, M.; MEZA, M. L. F. G. Transformações tecnológicas no Tecnoceno: desafios teóricos para o trabalho e a proteção social. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 24, p. e2024-0050, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1679-395120250050> Acesso em: 09 ago. 2025
- GALANIS, P. *et al.* Association between problematic TikTok use and mental health: a systematic review and meta-analysis. **AIMS Public Health**, v. 12, n. 2, p. 397–415, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3934/publichealth.2025027> Acesso em: 20 ago. 2025
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2026.
- HAN, B.C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KARDEFELT-WINTHER, D. A conceptual and methodological critique of internet addiction research: towards a model of compensatory internet use. **Computers in Human Behavior**, v. 31, p. 351–354, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.10.059> Acesso em: 10 out. 2025
- MARQUES, C.; ABREU, C. **Dependência de internet: conceito, avaliação e intervenção clínica**. Lisboa: Pactor, 2018.
- MEJÍAS, U. A.; COULDRY, N. Datafication. **Internet Policy Review**, v. 8, n. 4, p. 1–14, 2019. Disponível em: <https://policyreview.info/concepts/datafication> Acesso em: 09 ago. 2025
- PONTES, Halley M.; PATRÃO, Ivone M.; GRIFFITHS, Mark D. Portuguese validation of the Internet Addiction Test: An empirical study. **Journal of behavioral addictions**, v. 3, n. 2, p. 107–114, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1556/jba.3.2014.2.4> Acesso em: 10 out. 2025.
- PRZYBYLSKI, A. K.; WEINSTEIN, N. A large-scale test of the Goldilocks hypothesis: quantifying the relations between digital-screen use and the well-being of adolescents. **Psychological Science**, v. 28, n. 2, p. 204–215, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0956797616678438> Acesso em: 10 out. 2025.
- QIN, Y.; MUSETTI, A.; OMAR, B. Flow experience is a key factor in the likelihood of adolescents' problematic TikTok use. **International Journal of Environmental Research**

and Public Health, v. 20, n. 3, p. 2089, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.3390/ijerph20032089> Acesso em: 10 out. 2025.

REIS, D. A.; NEGRÃO, F. da C. O uso pedagógico das tecnologias digitais. **Revista da**

FAEEBA: Educação e Contemporaneidade, v. 31, n. 65, p. 174–187, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2022.v31.n65>. p. 174-187. Acesso em: 11 ago. 2025.

SANDI JUNIOR, A.; VALER, S. Percepções sobre o uso das tecnologias digitais pelos adolescentes. **Revista Exitus**, v. 14, e024028, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.24065/re.v14i1.2447> Acesso em: 11 ago. 2025.

SPITZER, M. **Demencia digital: el peligro de las nuevas tecnologías**. Barcelona: Ediciones B, 2013.

TWENGE, J. M.; CAMPBELL, W. K. **The narcissism epidemic: living in the age of entitlement**. New York: Free Press, 2019.

VAN DIJK, J. A. G. M. **The digital divide: the internet and social inequality in international perspective**. New York: Routledge, 2020.

VILLANUEVA-BLASCO, V. J. *et al.* Problematic internet use, cyberbullying and mental health. **Acta Psychologica**, v. 248, p. 104369, 2025. Disponível em:

<https://doi.org/10.30827/publicaciones.v54i2.30106> Acesso em: 11 ago. 2025.

WEI, Z. *et al.* Psychometric validation of Young's Internet Addiction Test. **Plos One**, v. 20, n. 4, e0320641, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0320641> Acesso em: 11 ago. 2025.

WIDYANTO, L.; MCMURRAN, M. The psychometric properties of the Internet Addiction Test. **CyberPsychology & Behavior**, v. 7, n. 4, p. 443–450, 2004. Disponível em:

<https://doi.org/10.1089/cpb.2004.7.443> Acesso em: 10 out. 2025.

WILLIAMSON, B. **Platforms and pedagogy: education, governance and the algorithmic turn**. Cambridge: Polity Press, 2021.

YOUNG, K. S. **Caught in the net: how to recognize the signs of internet addiction and a winning strategy for recovery**. New York: John Wiley & Sons, 1998a.

YOUNG, K. S. Internet addiction: the emergence of a new clinical disorder.

CyberPsychology & Behavior, v. 1, n. 3, p. 237–244, 1998b. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1089/cpb.1998.1.237> Acesso em: 10 out. 2025.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. New York: PublicAffairs, 2019.

Recebido em: 13 de maio de 2026

Aceito em: 20 de setembro de 2026
